



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração de escolas técnicas federais**

Brasília - DF, 1º de fevereiro de 2010

Eu não ia falar. Mas se eu não falo, eu fiquei com medo, Fernando, que amanhã dissessem: “O presidente Lula se sentiu mal e não falou”. Eu confesso a vocês que eu não sou de comentar pesquisa não, mas não há pressão que consiga subir com a pesquisa de hoje, mostrando que as pessoas estão compreendendo o que está acontecendo no Brasil.

Eu quero cumprimentar o meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

A querida companheira Dilma Rousseff; o Sergio Rezende; o Altemir Gregolin, da Pesca,

A senadora Fátima Cleide, Ideli Salvatti, o senador João Pedro, o senador Renato Casagrande e o senador Valdir Raupp,

Os deputados federais Aelton Freitas, Alex Canziani, Ariosto Holanda, José Cirilo, Henrique Fontana, Maria do Rosário, Nilmar Ruiz, Odair Cunha, Paes Landim, Pedro Wilson e Virgílio Guimarães,

Quero cumprimentar nossa querida Consuelo Aparecida, reitora do Instituto Federal de Santa Catarina e, cumprimentando ela, cumprimento todos os outros reitores aqui presentes,

Quero cumprimentar o prefeito de Itapetininga, Roberto Ramalho, que falou em nome de todos os prefeitos. Então, em cumprimento todos os prefeitos na pessoa dele,

E cumprimentar a querida Bianca Silva Santana, que tem mais informação sobre o Ministério da Educação do que o Ministro, do que o Presidente, do que o Paim,

E quero cumprimentar os companheiros reitores, professores, diretores e



adjacências,

E vou ser muito breve aqui, Fernando, para dizer uma coisa para vocês: em 2004, se não me falha a memória, o companheiro Luiz Gushiken, da Secretaria de Assuntos Estratégicos, pede uma audiência para mim e vai me apresentar um estudo que eles fizeram sobre a percepção de um segmento da sociedade – foi uma pesquisa feita por telefone sobre a educação. E o que me chamou a atenção nessa pesquisa é que era unanimidade entre as pessoas que responderam as perguntas que as pessoas queriam uma educação de qualidade, professor melhor formado, escolas mais preparadas, ou seja, todo mundo queria aquilo que todo mundo sempre quer. E aí, o que me deixou mais indignado é que todas as pessoas tinham noção de que a educação era a coisa mais importante, era necessária, aquele negócio todo. Mas uma outra pergunta: mais de 50% ou 60% não acreditavam que a gente fosse capaz de fazer. Ou seja, as pessoas queriam, mas, ao mesmo tempo, elas diziam que o País não tinha condições de dar a elas a escola do sonho delas. E eu vi aquilo como um desafio de que era possível a gente estabelecer uma nova dinâmica na área da educação e a gente, então, começar a preparar para que a próxima geração tenha uma educação de qualidade, eu diria, que não possa ser questionada por nenhuma pessoa de lugar nenhum. Ou seja, nós não queremos apenas ser o melhor, nós queremos disputar para sermos o melhor, ou pelo menos estar entre os melhores.

Mas essa coisa vai ganhando importância na medida em que a gente percebe que tinha um desejo, Fernando, represado. Você tinha um desejo da sociedade brasileira, de querer mudança na educação e querer as coisas na educação, que estava represado. E quando a gente começou a abrir as comportas, a gente começou a ter milhares de pessoas pelo Brasil inteiro que passaram a forçar, a questionar, a cobrar. Veja, por exemplo, o fato de você sair de um orçamento de R\$ 20 bilhões para um orçamento de R\$ 60 bilhões.



Ora, não é uma coisa simples de fazer isso, porque cada ministro, cada ministro tem na sua área a coisa mais importante.

Mas não foi apenas na educação, via Ministério da Educação. O PAC de Ciência e Tecnologia colocou R\$ 41 bilhões entre 2007 e 2010 para que a gente pudesse investir em ciência e tecnologia. E o Sergio Rezende sabe que eu sou o grande cobrador dele. Ou seja, eu quero saber se a gente vai conseguir colocar todo o dinheiro que nós aprovamos. Porque um problema sério no Brasil não é apenas a falta de dinheiro, é a falta de focar o que é prioritário e a falta de projetos, a falta de projetos. E aqui, os prefeitos precisam compreender o seguinte: não tem nada pior do que a “política de engana” que se fazia neste país, com as prefeituras, na liberação de recursos. Ou seja, você tem mais instrumentos proibindo alguém de pegar dinheiro do governo federal - embora o governo federal possa ter o dinheiro, ou o governo estadual possa ter o dinheiro -, você tem mais mecanismos impeditivos do que mecanismos que facilitem a vida do prefeito.

Eu vou dar um exemplo para vocês: eu estava discutindo hoje, em uma reunião com a Dilma, com o ministro e outros ministros lá, discutindo a questão do *Territórios da Cidadania*, porque o *Territórios da Cidadania* é, na minha concepção, nesses 40 anos de vida política, eu não conheço nada mais bem pensado do que o *Territórios da Cidadania*, que é você colocar um conjunto de políticas públicas do governo em um conjunto de cidades, com a coordenação, com participação de prefeitos e de governadores. E aí, esses municípios que entraram no *Territórios*, normalmente, são os municípios mais pobres, Fernando, são os municípios de IDH mais, eu diria, mais fraco. O que nós descobrimos hoje, em uma reunião? É que a maioria dos prefeitos está no Cauc [Cadastro Único de Convênio] e, portanto, não pode pegar dinheiro público. Ou seja, é um que deve para a Prefeitura, é outro que deve não sei... É um que deve para o INSS, é outro que deve não sei para onde, é outro que deve... Ou seja, se a gente não sentar e criar um instrumento especial... porque



esse diabo desse Cauc, as pessoas entram e saem, entram e saem, entram e saem, entram e saem. Acontece que na maioria das cidades pequenas os prefeitos não têm sequer condições de contratar um técnico para fazer um projeto, para fazer um pedido.

Então, eu queria dizer para os prefeitos que esse negócio, para funcionar, precisa ter projeto. E por que funcionou na educação? Por que funcionou? Primeiro, porque você tinha um presidente da República que queria. Segundo, porque você tinha todo o pessoal do Ministério, coordenado pelo Ministro, com uma vontade de fazer aquilo que era o desejo de todo mundo. Terceiro, porque descobriu-se também uma sede, por escolas técnicas e por educação, dos prefeitos. É impressionante, tem prefeito que deu a sede da Prefeitura para botar escola, tal era a vontade que ele tinha de que tivesse uma escola na sua cidade.

Uma coisa extraordinária hoje é que quando eu viajo o Brasil a gente encontra as pessoas com faixa, não é mais de protesto, não – de protesto está cada vez menor, cada vez menor – porque as pessoas estão percebendo que as políticas que estamos adotando são aprovadas por elas em conferências nacionais, não sou eu quem decide a política.

Mas o que a gente está percebendo? Não tem uma cidade hoje, em que a gente vá, que não queira uma escola técnica, que não queira uma extensão universitária. Ora, então, o que aconteceu, gente? Nós... Fernando, veja o milagre que nós fizemos, até muitas vezes sem saber, e você à frente desse processo: nós conseguimos transformar a questão da educação, que era quase um problema social, por conta da falta de investimento na educação, em um problema político. E qual é o problema político? É o de fazer com que prefeitos e municípios, que as pessoas passem a reivindicar educação. Antigamente, quem é que pedia uma escola, Ideli? Era um ou outro deputado, um ou outro senador... Mas a gente não ia... Na cidade, a gente não via ninguém pedindo escola. Hoje, é a coisa que a gente mais vê. Então, nós colocamos a educação



na pauta, não porque o governo quer ser bonzinho, ou quer fazer uma escola a mais, é porque o povo descobriu que uma escola na sua cidade é um fator extraordinário de diferenciação daquele município, por menor que seja a escola.

Então, eu acho que essa é a grande revolução que está acontecendo neste momento no Brasil, as pessoas acordaram. E queria reiterar: “Prefeitos, tragam projetos”. Muitas vezes... Facilita muito para nós aprovar uma escola, se em uma cidade tiver algo... um prédio abandonado, um prédio que possa ser reformado, alguma coisa que a gente possa utilizar, porque aí você não tem que fazer todo o trabalho de comprar terreno. Mas se alguém tiver, não faltará dinheiro para investir em educação neste país. Eu duvido... independentemente de quem seja o governo, porque na hora em que se transformou a educação em uma pauta política da sociedade, as pessoas estão descobrindo que não tem como voltar atrás. Não pode deixar alguns senadores e deputados mais espertos que outros, como a Ideli, que levou tudo para Santa Catarina, ou outros estados que levaram muito. Mas essa combinação...

Eu fui ao Ceará com o Fernando Haddad, quando inauguramos uma escola, ele anunciou mais um convênio com o governador para mais 20 escolas técnicas estaduais, em uma parceria do governo com o governo federal. Eu digo todos os dias para os governadores: não existe possibilidade de um governador, de um prefeito pedir alguma coisa para este governo e a gente negar. Não existe possibilidade, sobretudo em se tratando de educação, porque eu estou convencido, pela minha lição de vida, de que não existe nada mais sagrado para um país do que formar os seus jovens, do que dar a eles oportunidade.

Obviamente que não é todo mundo que tem essa sensibilidade. Muitas vezes, as pessoas que já estudaram esqueceram que estudaram em escola pública, esqueceram que tinham que pagar uma contrapartida para o restante da sociedade estudar. As pessoas esquecem que todo mundo tem que ter



chance. E o Brasil estava conformado, já existia quase um conformismo institucional, ou seja, “escola é para classe média mesmo, é para classe média alta, pós-graduação é para rico, que pode fazer lá fora. No Brasil, olha, pobre tira diploma primário e vai trabalhar, que já está bom demais.” No meu caso foi verdadeiro; agora, eu digo para todo mundo: não tenho orgulho nenhum. Você não sabe como eu gostaria de ser economista. Chique, Fernando Haddad, ser economista! É verdade, eu tinha vontade, Virgílio, de ser economista, porque eu vejo vocês falarem com tanta facilidade um monte de números, um monte de coisa. Eu fico pensando: se eu fosse sabido como eles, o que eu não faria para esse país aqui, com essa sabedoria!

Então, eu acho que nós encontramos o caminho, nós encontramos o caminho. E aqui, sem nenhuma falsa modéstia. Deus queira que daqui para a frente eu seja um paradigma para quem vier depois de mim. Quem vier governar este país depois de mim não tem o direito de fazer menos do que eu, não tem, não tem o direito, porque nós mudamos o paradigma, que era muito nivelado por baixo. Vocês estão lembrados: o salário mínimo, você não podia dar aumento para o salário mínimo porque o salário mínimo ia causar inflação e quebrava a Previdência. Nós estamos, há sete anos, dando aumento consecutivo, e nem quebrou a Previdência e nem voltou a inflação, não é? “Ah, o Bolsa Família você não pode dar porque você vai transformar... uma parcela da sociedade que não quer trabalhar, vai viver de Bolsa Família.” Quem fala isso é tão ignorante que não sabe do orgulho próprio de 99,9% dos pobres que recebem o Bolsa Família, porque todo mundo gostaria de estar ganhando muito mais do que o Bolsa Família e trabalhando, todo mundo gostaria.

Vocês estão lembrados que, cinco anos atrás, a gente ligava um programa de rádio aqui, em qualquer horário aqui no Brasil, eram os radialistas falando: “Porque a fila do INSS demora três meses, porque o médico especialista demora quatro anos, porque marcar uma consulta...”. E era televisão, rádio e jornal, todos os dias na fila do INPS, na fila do INSS, em



qualquer lugar do Brasil. Vocês, faz quanto tempo que vocês não veem ninguém falar das filas do INSS? Ninguém. Qual foi o milagre que aconteceu? Sabem o que aconteceu? Primeiro, nós contratamos os legistas que tinham sido mandados embora, ou seja, os peritos que tinham sido mandados embora por conta de uma greve, um tempo atrás, em outros governos. Nós, em vez de ficarmos com os peritos terceirizados, nós contratamos mais de cinco mil peritos. E hoje, quem quiser marcar alguma coisa de consulta médica... Não precisa acreditar em mim: quando terminar este ato, pegue o celular, ligue 135 e você vai marcar uma consulta em qualquer lugar do território nacional, em qualquer lugar do território nacional.

Vocês lembram... Vocês pensam que é só a educação que mudou? Eu trabalhei na Previdência Social, no Sindicato. Foi assim que eu conheci a Marisa. Vocês conhecem a história, está mais do que manjada. Eu cuidava... dava atestado de... naquele tempo tinha uma coisa chamada "Atestado de Vida". A pessoa que recebia pensão ia lá provar que tinha direito de receber pensão. Eis que chegou a viuvinha lá, nova, eu também viuvinho, bateu uma química assim, um...

Bem, mas eu estava pensando... Naquele tempo, eu dava entrada num processo de aposentadoria de um trabalhador, demorava três anos para sair, demorava três anos. Entre você fazer os cálculos, levar no INSS, protocolar, demorava três anos. Vocês sabem em quanto tempo um trabalhador brasileiro se aposenta hoje? Meia hora, sem ter que mostrar nenhum documento. Não é o trabalhador que mostra documento. É o governo que tem que mostrar que ele tem direito de se aposentar e que conquistou o direito.

Essas coisas, Fernando, estão acompanhando um pouco o passo das mudanças que vêm acontecendo na Educação. No Ministério da Ciência e Tecnologia, nós fizemos o PAC da Ciência e Tecnologia. Foi a única coisa que eu acho que na história dos cientistas brasileiros, dos grandes intelectuais brasileiros, da direção da SBPC, da direção não sei das quantas, foi a primeira



vez na vida que houve um projeto aprovado por unanimidade. Vocês acreditam? Pense em colocar cem cientistas em uma sala e achar que uma coisa vai ter unanimidade, pense. Pois o PAC da Ciência e Tecnologia teve unanimidade porque, pela primeira vez também, eles sentiram que foram eles que fizeram a proposta, não foi o governo. Não é a proposta do ministro Fernando Haddad, do ministro Sergio Rezende, da ministra Dilma. É uma proposta do Estado, que tem como base a participação da sociedade para construí-la. E assim vai para outras coisas.

Mas, voltando à educação, para terminar, eu acho que tudo o que a gente puder fazer pela educação ainda é pouco diante da quantidade de anos que nós não fizemos nada. Nós temos que correr, correr para fazer mais. Eu estava comentando com a Dilma, vendo o Fernando Haddad falar, eu falei: Dilma, olha aí, a máquina... nós aprendemos nesses oito anos. Todas as dificuldades foram superadas. Eu acho que daqui para a frente a tendência é a gente fazer com mais facilidade e fazer muito mais, não é?

O Fernando não falou das creches aqui, mas logo, logo nós vamos começar a visitar creches neste país, porque também ninguém assume responsabilidade. Nós queremos para uma criança pobre... porque a criança pobre, ela perde, muitas vezes, com relação a outras crianças. Veja, vamos pegar aqui a Ideli. Vamos supor que ela tivesse um menininho de cinco anos no ensino fundamental, e tivesse, do outro lado, uma outra mulher igual a ela com um filho do mesmo jeito, que a mãe não fosse sabida como ela é. Porque tem esse problema, ou seja, a mãe, às vezes, não sabe ensinar a criança a fazer absolutamente nada. Então, a criança só aprende na escola. Por isso que foi bom esse negócio dos nove anos, reduzir para seis anos, e melhor agora, colocar as crianças na creche, para que todos possam ter a mesma oportunidade.

Eu queria agradecer aos reitores. Se eu disser para vocês, vocês não vão acreditar: nunca, na história deste país – para não falar “a primeira vez” –,



nunca, na história deste país, um presidente da República tinha se reunido com mais de um reitor, e nem ministro da Educação. Não havia o hábito. Eles tinham medo de reitor, porque achavam que reitor vinha reivindicar muito aqui. Nós estamos terminando o mandato, todos os anos eu tenho me reunido com reitores, tanto os reitores das universidades quanto os do Cefet, do Ifet, todo mundo. E este dedo aqui não foi nenhum reitor, não. Isto aqui foi uma prensa, quando eu tinha 17 anos, na Villares. Eu... falta... eu tenho dois compromissos com vocês ainda. Não, um compromisso que eu tenho, que é o último que eu quero cumprir, que é a autonomia universitária. Isso, nós assumimos o compromisso de preparar. Na próxima reunião nossa, nós queremos tirar esse peso das minhas costas e passar para as costas de vocês. E aí vocês vão perceber como é fácil a gente falar e difícil fazer.

Quando nós aprovamos o piso de professor, que é muito pouco, R\$ 950 – R\$ 1.024 agora –, teve um monte de governador que entrou com uma Adin no Supremo Tribunal Federal, pedindo para cassar, porque não pode pagar isso. Quantos governos são? Cinco governos entraram dizendo que não podem pagar salário de R\$ 1.024. Eu acho, sinceramente, acho pouco, porque todo mundo sabe que uma professora hoje, na sala de aula, não ensina apenas a criança a estudar. Ensina noções de higiene, às vezes tem que fazer o papel de pai, às vezes tem que fazer o papel de mãe, às vezes tem que cuidar muito mais do psicológico da criança do que apenas ensinar a ela a aulinha de Português ou de Matemática.

Então, eu quero agradecer a vocês. Eu acho que o Fernando Haddad e a turma dele, Paim, com esse jeitozinho... O Paim é todo jeitozinho para falar, não é? Ele está sempre... Parece que ele está sempre conversando com a gente, com dor no dente, que é para... a turma, o Eliezer, esse pessoal, junto com vocês, fizeram um trabalho extraordinário. Eu quero confessar que eu via, na cara de cada um de vocês, nas minhas viagens pelo Brasil, a vontade que vocês estavam, a alegria que vocês estavam, a coisa que vocês queriam



estava acontecendo. Então, eu acho que vocês são parte responsável, tanto quanto nós, pelo que está acontecendo hoje.

E obviamente que eu fico feliz. Vocês vejam, um cara que só tirou o diploma primário na escola, que fez um curso de torneiro mecânico e que já é o presidente que mais fez universidades no Brasil e que mais fez escolas técnicas, obviamente que é motivo de orgulho, motivo de orgulho. Agora, obviamente que eu não faria se não fossem vocês, se não fosse o Fernando Haddad e a turma dele.

Nós, nós vamos entregar as 314 [240] universidades... escolas técnicas até dezembro. Deus queira que o Congresso Nacional aprove a universidade afro-brasileira, para a gente começar a fazer, na cidade de Redenção, no Ceará, fazer... que é uma forma de a gente pagar a nossa dívida com a África. A dívida com a África, você não paga ela em dinheiro. Você paga em gestos, em solidariedade e companheirismo. Eu estou pedindo ao Fernando Haddad, que ele poderia me dar esse presente antes de deixar o governo, que é... nós poderíamos fazer universidade aberta em Moçambique e em Angola, dois países de língua portuguesa, que a gente poderia fazer uma experiência. Prometo a você que eu vou com você a Moçambique e a Angola antes de terminar o meu mandato, para a gente poder mostrar para esse pessoal que tem jeito para fazer as coisas. E eu acho que nós poderíamos ter um gesto... Porque depois que fizer em Moçambique e Angola, depois vem Cabo Verde, depois vem São Tomé e Príncipe, depois vem Guiné-Bissau. Todos, de língua portuguesa, vão pedir e a gente, como país maior, nós temos obrigação de fazer. Essa é a verdade.

O Brasil saiu do rol dos países pequenininhos, tomadores, e passou para o [rol] dos países grandes, doadores. Então, o Brasil precisa, agora, fazer muito mais gestos do que receber gestos. Nós já estamos na condição de ajudar os outros, afinal de contas, se a gente pôde emprestar US\$ 14 bilhões para o FMI, por que a gente não pode fazer uma escolinha de longa distância



com Moçambique? Não é nem a distância, isso é longa distância porque você tem que... com Moçambique, você atravessa o oceano e atravessa o território africano.

Então, Fernando, eu acho que ainda dá para a gente fazer alguma coisa e essa seria uma experiência rica, porque se isso der certo, Fernando, uma das coisas que a gente poderia contribuir era que cada país que colonizou os países africanos e que o povo fala a sua língua, teria a obrigação de montar uma universidade a distância para ensinar o povo mais pobre a ter acesso à formação. E aí era importante o exemplo nosso, o exemplo nosso. Deu certo com o Brasil, tem que dar certo com os outros.

E, Fernando, te dar os parabéns. Este ato aqui era para ter sido em dezembro, mas a agenda não permitiu. Somente agora, com uns dias de atraso, mas nós estamos cumprindo a primeira fase e agora, terminar o restante, está muito fácil para terminar. Eu quero dizer, Fernando, que a história do Brasil vai registrar o trabalho que você fez na área da educação, que o Sergio Rezende fez na área da ciência, mas sobretudo o pessoal que trabalha com a gente que, muitas vezes, vive no anonimato, mas eles dão duro, trabalham, perseguem e as coisas acontecem.

Então, quero dizer para vocês que é um dia gratificante para mim. Eu, se todo jovem pudesse ter o que eu tive quando eu tinha 15 anos de idade, de aprender uma profissão, certamente as cadeias iriam ficar de portas abertas porque as pessoas iam preferir ganhar o dinheiro honestamente, do que ficar roubando outro mais pobre do que ele, como acontece em muitos lugares do Brasil.

Quero agradecer aos senadores, aos deputados, aos reitores. Obviamente, companheira Dilma, se você não está na coordenação, as coisas demorariam um pouco mais. Então, hoje vocês me deram um presente. Eu espero que a gente possa continuar, na área da educação, fazendo mais do que a gente fez, Fernando. O povo precisa mais, o Brasil quer mais, e eu acho



que nós não temos que medir nenhum esforço, e colocar na educação aquilo que a gente poderia ter colocado na década de 30, na década de 40, na década de 50. Perderam-se todos esses anos. Nós, agora, temos que andar mais rápido.

Parabéns a todos os prefeitos, parabéns aos diretores que receberam a placa aqui. E continuem, pelo amor de Deus, continuem reivindicando escolas, porque é a reivindicação mais justa e é a que vai resolver o problema, em definitivo, da nossa sociedade.

Parabéns a vocês e obrigado.

(\$211A)